

O SOLDADO JOGADOR



Luis C. A.

PEÇO-LHE QUEM
OSAR ESTE LIVRO,
COM GEÍTO NÃO
RASGAR, TÃ.

Rio de JANEIRO,
10-5-73. OBRIGADO!!!

O SOLDADO JOGADOR

*

DISCUSSÃO DE

ZÉ DO BREJO com CHICO DA RUA

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional

*



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042/50
FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

O SOLDADO JOGADOR



Era um soldado francês
Que se chamava Ricarte,
Jogador de profissão
E nunca foi numa parte
Que no bolso não levasse
O resultado da arte.

Os franceses nesse tempo
Tinham por obrigação
O militar, o civil,
Seguir a religião...
O papa fazia a lei
Botava em circulação.

Ricarte, soldado velho,
Com trinta anos de tarimba
Onde êle achava jôgo
De lasquinê ou marimba
Dizia logo: Eu vou ver
Água na minha cacimba.

Um dia faltou-lhe o sôldo
Pôs-se Ricarte a pensar
Onde podia haver jôgo
Que êle pudesse jogar,
Era domingo e a missa
Não tardava a começar.

Dinheiro não tinha um X,
Em crédito êle nem falava,
Pois um soldado francês
Na taberna onde comprava
Só pegava no objeto
Depois que êle pagava.

Toca a entrada da missa
Veio o sargento chamá-lo,
Ricarte ainda pediu-lhe

Para êle dispensá-lo
Porém o sargento disse:
— Sou obrigado a mandá-lo.

Ricarte foi para a missa
Com grande constrangimento,
Era obrigado a cumprir
A lei do seu regimento
Mas não podia afastar
O jôgo do pensamento.

O soldado na igreja
Chegando se ajoelhou,
Trouxe no bolso da blusa
Um baralho que tirou
E endireitando as cartas
Uma patota formou.

Não viu que estava atrás dêle
Um sargento ajoelhado
Que ali observou
Tudo quanto era passado
E disse: — Depois da missa
Você está prêso, soldado!

Efetuando a prisão
Seguiram no mesmo instante,
Foi com o soldado prêso
À casa do comandante,
Dizendo ter cometido
Um crime muito agravante.

Pronto, sr. comandante,
Está aqui prêso um soldado
Que foi ao templo ouvir missa
Estava lá ajoelhado
Encarmassando um baralho
Que traz no bolso guardado.

Perguntou-lhe o comandante:
— Quem deu-lhe esta criação?

Disse Ricarte: — Senhor!

Se ouvisse minha razão

Eu lhe diria o motivo

Que existe pra esta ação.

— Que motivo tem você

Sabendo que é proibido!

Ignora que o jôgo

No exército é abolido?

Disse o soldado: — O meu jôgo

Muda muito de sentido.

— Muda de sentido, como?

Disse Ricarte — Eu direi

Pois explique como é

Porque eu o ouvirei,

Depois da explicação

O solto ou o castigarei...

Disse o soldado: — Primeiro

É preciso confessar

Que ganho um sôlido mesquinho

E êsse sôlido não dá

Para eu comprar um livro

Para na missa rezar.

Por isso compro um baralho

E rezo nêle constante...

— Mas que reza há em baralho?

Perguntou-lhe o comandante

— Há tudo da escritura

Velha, Nova e assim por diante.

Então disse o comandante:

— Você vem errado a mim

Disse o soldado: — Eu explico

Do princípio até o fim

— Como é essa oração?

Disse o soldado: — É assim:

Por exemplo, a carta “ás”

Que tem um ponto sòmente

Faz-me recordar que existe

Um só Deus onipotente,

Quando chamamos por êle

O encontramos presente.

Quando peço em um “dois”

Então premedito eu

Que em duas tábuas de pedra

O Criador escreveu

Quando em salsas ardentes

A Moysés apareceu:

Quando eu peço em um “três”

Me recorda a divindade,

Por exemplo as três pessoas

Da Santíssima Trindade

Que todos nós conhecemos

O Espírito, o Filho e o Padre.

O “quatro” lembra-me as

[quatro

Marias de Nazaré

Que foram Maria, Afra

E Maria Salomé,

Madalena a Virgem pura

Espôsa de São José.

O “cinco” me faz lembrar

Aquêle dia de fel,

As cinco chagas de Cristo

Feitas por mão tão cruel

Que matou cruxificado

O Filho de Deus de Israel.

Quando pego em “seis de
[ouro”

Faço premeditação,
Seis dias o Senhor gastou
Na obra da criação,
Formou tudo quanto existe
Sem em nada pôr a mão.

O “sete” lembra-me a hora
Negra, triste, amargurada,
Os sete passos de Cristo
Em sua paixão sagrada,
Com sete espadas de dores
A Mãe de Deus foi cravada.

No “oito” vejo as pessoas
Que do dilúvio escaparam,
Noé, a mulher, três filhos
E três noras se salvaram,
O resto as águas cobriram
Onde todos se afogaram.

Quando eu pego no “nove”
Me vem na imaginação
Os nove meses ditosos
Da divina encarnação
Que Jesus passou no ventre
Da Virgem da Conceição.

Quando eu pego em um “dez”
Não posso nunca esquecer
Dez mandamentos ficaram
Para o mundo se reger,
Os dez se encerram em dois
Como todo mundo vê.

Quando eu pego em um “rei”
Me lembro do rei da Glória,
O ente mais poderoso

Que já vimos na história,
Que não precisa soldados
Para alcançar a vitória.

Quando eu pego uma “sota”
Me vem à lembrança aquela
Que tôda Jerusalém
Enriqueceu só com ela,
Aquela que deu à luz
Ficando a mesma donzela.

Eis aí, meu comandante
As razões de seu soldado,
Não posso comprar um livro
Meu sôlido é muito mirrado,
Compro um baralho onde rezo
Porque só custa um cruzado.

Então disse o comandante:
— Em tôdas cartas falaste
Te esqueceste do “valete”
Foi porque não te lembraste?
Não é também uma carta
Porque não representaste?

Dissê o soldado: — Essa carta
É uma carta ruim,
Eu quando compro baralho
Tiro ela e dou-lhe fim,
Tem traços dêste sargento
Que denunciou de mim...

Disse o comandante a êle:
— Ricarte tu és passado...
Tens vinte anos de praça
Foi tempo bem empregado,
Vou te passar a sargento
E dou-te sôlido dobrado.

DISCUSSÃO DE ZÉ DO BREJO COM CHICO DA RUA



Zé do Brejo
Pirarucu tanto venha
Chico da Rua
Não como pirarucu.

Dois glosadores falavam
Sôbre a grande carestia,
O bacalhau não havia,
Os vapores não chegavam,
Preceitos não se guardavam
Estava o tempo frio e cru,
O povo com fome e nu,
Disse o outro: O tempo é mau
Mas em vez de bacalhau
Nós temos pirarucu.

Chico — Prefiro morrer
[danado
Prego os dentes na parede
Como uma cobra verde
Um rato inda estando inchado,
Mas aquêles desgraçado
Baboso que só mussu?
Não tem que ver cururu
Inda que um santo me dê
Eu digo, como isto o quê!
Não como pirarucu.

Zé — Ora deixe, meu colega,
Isso é só opinião,
Porque bem diz o rifão
O que vem na rêde é peixe,
Largue a cisma não se veixe
Êsse cuidado não tenha

Disse um matuto da brenha
Agora não o deixava
E diz mesmo tendo fava
Pirarucu tanto venha.

Chico-Passo três dias com fome
Mendigando pela rua,
Como um cão ladrando à lua,
Que a quatro dias não come
Prefiro negar meu nome
Dizer, me chamo urubu,
Sou filho de um tapuru,
Neto de caranguejeira
Moro numa bagaceira,
Não como pirarucu.

Zé — Desprezo peru assado
Não dou valor a um leitão
Não acho graça em capão
E deixo qualquer guizado
Por muito bem preparado
E temperos que êle tenha,
Desde a Capital à brenha,
Procure tudo que há
Que nada me agradará
Pirarucu tanto venha.

C — Na catástrofe mais
[medonha
No suplício mais horrendo,
Ainda algum me prendendo
Em Fernando de Noronha,
Passo por uma vergonha,
Ando pela praça nu,
Bebo um caldo de urubu,

Como um cachorro sem sal
Com tudo isto afinal
Não como pirarucu.

Zé — Disse um frade no
[sermão:

— Meus filhos abençoados,
Eu peço aos fiés amados
Quem quiser ser meu irmão
Não estire a sua mão
Para a venda que não tenha
Êsse peixe que se empenhá
Por nossa sub-existência
Eu como por excelência
Pirarucu tanto venha.

C — Ainda eu estando
[derrotado

Com fome horrenda e tirana
Como casca de banana
Numa feira ou num mercado,
Como um aruá assado
Afervento um cururu
Prefiro um camelo cru
Conforme a necessidade,
Mas ainda contra a vontade
Não como pirarucu.

Zé — Não gosto de pedantismo
E nunca escolho comida,
Tudo que sustenta a vida
Satisfaz o organismo,
Censuro até o cinismo
Por muito sagaz que venha,
Disse-me um frade da Penha
Numa taberna bebendo:
Minha mãe morreu dizendo
Pirarucu tanto venha...

C — Prefiro uma excomunhão
Do padre do Juazeiro
Porém ao mundo inteiro
Isto foi sem precisão,
Não foi tão má minha ação
Para um castigo tão cru
Deus do céu me dirá: tu
Sustente e conte comigo
Posso cair no perigo
Não como pirarucu.

Zé — É um peixe saboroso
Tendo maxixe e quiabo
Um pedaço de seu rabo
Faz um almôço gostoso,
Um pirão muito oleoso
Cozinha com pouca lenha,
Eu morava em Jurumenha
Outro peixe aqui não quero,
Pirarucu tanto venha.

Chico então logo disse
Que tem êsse pobre peixe!
Eu acho bom que se o deixe
Isso é uma pura tolice
Agora se ninguém visse
Êsse peixe no sertão
Quem confessa ser cristão
Diz que um homem legal
Vê logo que não faz mal
Pirarucu com feijão.

Um poeta velho viu
Um poeta atropelado
O outro estava danado
Como uma fera partiu,
O poeta velho acudiu

Com destino forte e cru
 Como uma abelha de exu
 Vai de encontro ao caçador
 Disse a Zé: — Por seu favor
 Não gabe pirarucu.

C — Que tem que morra de
 [fome?

Fique dormindo no mato,
 Como pulga e carrapato
 Mas pirarucu não como,
 Sua lembrança se some
 Onde não vai urubu
 Nem cobra surucucu
 Não fica tão assanhada
 Minha mãe era casada
 Não come pirarucu.

Zé disse: — Eu já notei
 E diversos me têm dito
 Você é muito esquisito
 E eu sempre o detestei,
 Ainda há pouco conversei
 Com alguém do Pajeu,
 Disse um rapaz do Peru
 Chegado agora do Norte
 Que até na hora da morte
 Se come pirarucu.

Chico — Você é muito atrasado
 Não parece ser da roda,
 Pirarucu está na moda
 Como o bigode raspado,
 É um peixe desgraçado
 Babento que só mussu

Cozido parece cru
 Assado fede a cumoa
 Não tem prazer a pessoa
 Que come pirarucu.

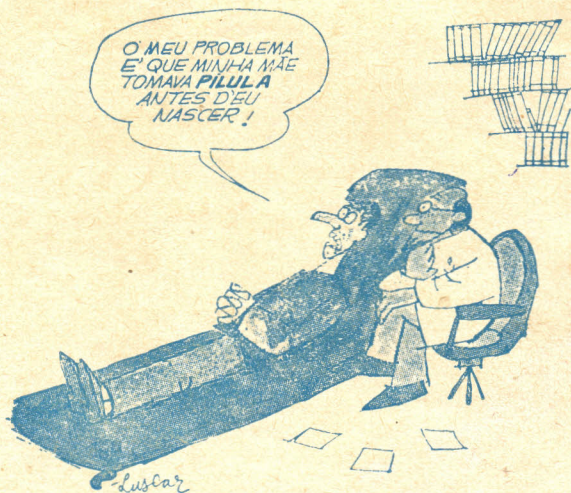
Zé — Seu avô nasceu no mato
 Enquanto viveu caçou
 E êle nunca enjeitou
 Lagartixa, cobra e rato,
 Rapôsa, furão e gato,
 Camaleão, tejuassu,
 Maritacaca, timbu,
 Sapo, rã, caçote e jia,
 Morreu numa pescaria
 Atrás de pirarucu.

Chico — Por uma dessas assim
 Eu hoje não gosto dêle
 Porque se não fôsse êle
 Meu avô não tinha fim,
 Que falta fêz êle a mim!
 Passei fome e andei nu
 Comendo bacalhau cru
 Sem alguém dar-me um abrigo
 Por isto é meu inimigo
 Quem come pirarucu.

Zé — Tenho enjeitado sardinha
 Deixei xixarro e salmão
 Com vinho Alcobaça e pão
 Ensopado de estrelinha,
 Boa canja de galinha,
 Belo papo de peru,
 Frigideira de pitu,
 Escabeche de cavala,
 Nenhum dêsses me regala
 Igual a pirarucu.

JÁ SAIU!

PIADAS de LOUCOS



PODE LER SOSSEGADO, VOCÊ NÃO FICA
MAIS DO QUE É...



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).